
• LITERATURA E JORNALISMO: TIPOLOGIAS DE DISCURSO

Coordenador(a): *José Alcides Ribeiro*

Com a solidificação da imprensa jornalística diária no século XVIII, inaugura-se uma longa parceria entre escritores e jornalistas que vai sofrendo transformações ao longo dos séculos XIX e XX na Europa e no Brasil. No jornal, fazem-se presentes, então, os vários tipos de discursos da notícia e da literatura na sua especificidade, multiplicidade e hibridismo. Tendo como referência não obrigatória os conceitos de discurso, contexto, gênero e estilo de E. Coseriu, T. Van Dijk, Mikhail Bakhtin e G. Martin Vivaldi, este simpósio tem como propósito discutir as várias tipologias do discurso literário e da notícia detectáveis no veículo de difusão do jornal brasileiro e de outros países nos períodos acima indicados.

A CRÔNICA NOS PERIÓDICOS DO SÉCULO XIX

Noelma Brocanelli (USP)

O estudo propõe analisar a produção literária na imprensa periódica da segunda metade do séc. XIX. Foi selecionada uma seção de crônicas, escrita por Wenceslau de Queiroz, no jornal *Correio Paulistano*, um dos mais importantes jornais brasileiros.

Apesar de a crônica ser um gênero que, por definição, tende a retratar o período em que está inserido, ao ser analisado revela sua especial característica: a interpretação do narrador sobre uma notícia. Daí, torna-se um gênero que se aproxima dos estudos literários e jornalísticos.

Alguns importantes aspectos serão considerados a fim de caracterizar este gênero literário. Serão considerados seu estilo textual - assim como suas especificidades; os critérios quanto à sua forma de concepção; a importância do tema e a sua relação com a notícia durante a criação; a identificação do sujeito-protagonista e as técnicas de discurso do gênero.

Além dos aspectos lingüísticos, serão objetos de estudo a receptividade do público-leitor, o potencial de comunicação que esse gênero promove entre o autor e o leitor de periódicos e as principais características do cronista Wenceslau de Queiroz.

A EDIÇÃO CRÍTICA DE “GIRÂNDOLA DE AMORES”: O REGISTRO DA FICÇÃO E DA CRÍTICA LITERÁRIA EM ALUÍSIO AZEVEDO

José Ferreira Junior

O presente estudo se propõe demonstrar como um trabalho de edição crítica pode trazer à luz aspectos pouco conhecidos, tanto no plano da construção do temário quanto na jurisdição da tessitura escritural, da formação de um escritor. Trabalha-se com a edição crítica do romance *Girândola de amores* (*Mistério da Tijuca* na edição folhetinesca, editada pelo jornal “*Folha Nova*” do Rio de Janeiro em 1882-1883) de Aluísio Azevedo. A obra, tida como menor pela crítica, é um manancial de indicações de como pensava o escritor e de como ele utilizou a produção folhetinesca para expor suas idéias como intelectual: abolicionista, republicano e anticlerical. O aparecimento de um personagem absolutamente periférico, o padre Almeida (liberal, arguto e

previdente), revela o tipo de religioso com o qual gostaria de dialogar, sendo que esse comportamento era inteiramente oposto ao dos clérigos com que o autor lidou nos embates por meio da imprensa maranhense, da qual participou como fundador e colaborador de jornais anticlericais. Outra faceta importante é a interrupção da narrativa nos capítulos 61 e 76 da versão folhetinesca para o exercício da crítica literária, decisão essa forçada pela insistência dos críticos de que ele estava escrevendo à maneira romântica, em época cuja escola mais afamada já era a do realismo-naturalismo. A resposta do escritor maranhense consagra o princípio da necessidade de agradar a dois públicos distintos: o leitor (médio) romântico e a crítica sintonizada com as novidades europeias, mas isso sem deixar de tropicalizar as idéias vindas do velho continente.

A REVISTA O CRUZEIRO E A CRÔNICA JORNALÍSTICA: RAQUEL DE QUEIRÓS

Ana Roza da Silva (MACKENZIE)

Em 10 de novembro de 1928, a revista O Cruzeiro iniciou uma longa vida editorial que durou até meados da década de oitenta, com uma tiragem excepcional, ainda não superada, em várias décadas. Seu sucesso era alcançado basicamente pela exploração de um núcleo jornalístico com reportagens sintéticas e entrevistas, um núcleo literário com crônicas, romances e contos, um núcleo de matérias ligadas a variedades e o núcleo da publicidade. Apesar da importância dessa revista, poucos estudos foram feitos sobre as suas características. Neste estudo, faremos a caracterização da crônica jornalística, um dos gêneros de maior duração na revista O Cruzeiro, tendo por centro a seção de crônicas de última página de Raquel de Queirós. O centro do comentário será a caracterização da estrutura temática, informacional, progressão temática, relevância, foco e técnicas de composição, conceitos kdefinidos por Gonzalo M. Vivaldi, Maria Helena Mateus e outros. A autora retirava os temas das crônicas de fatos com dimensão jornalística miúda ou de grande projeção. Com uma hábil alternância da exploração da informação já oferecida e da informação nova, a autora explorava o foco textual de maneira a enriquecer a dimensão cognitiva latente no terreno da notícia.

CORREIO MERCANTIL: GÊNEROS LITERÁRIOS E JORNALÍSTICOS

José Alcides Ribeiro (USP)

O propósito deste trabalho é oferecer um estudo sobre os gêneros literários e jornalísticos presentes nos jornais brasileiros do século XIX. O jornal selecionado para o comentário geral é o Correio Mercantil (1848-1868) do Rio de Janeiro. Além de fixar os traços distintivos do seu perfil, registro e comento a presença nas suas páginas de uma exuberante heterogeneidade de gêneros de texto, fenômeno que lhe dá uma característica rica e complexa e que é incorporada por outros jornais do período. Caracterizo, assim, as seções do jornal Correio Mercantil e a presença nas suas páginas de uma rica variedade de gêneros jornalísticos informativos literários e híbridos. Em seguida, comento em termos exemplificatórios, aspectos representativos da construção textual dos comunicados, crônicas e textos ao mesmo tempo noticiosos e ficcionais. Finalizo o estudo com um comentário sobre os aspectos diacrônicos da presença desses gêneros em jornais bastante representativos no século XX, merecendo destaque o hipertexto, fenômeno que tem origem na nossa tradição literária e jornalística anterior.

O GÊNERO POLICIAL NA NOTÍCIA JORNALÍSTICA E SEU REFLEXO NA FICÇÃO DE ALUÍSIO AZEVEDO

Marizete Liamar Grando (USP)

Nesta comunicação abordaremos aspectos sobre a transfiguração do gênero jornalístico para o ficcional em Aluísio Azevedo. O autor plasmou em si traços e estilo constituídos em sua

experiência como jornalista, principalmente por publicar sob o formato de romance-seriado grande parte de suas obras.

Aluísio participou ativamente do desenvolvimento da imprensa brasileira, escrevendo sobre temas polêmicos, a exemplo do racismo e das falhas cometidas pelo clero. No Maranhão, atuou nos periódicos *O Pensador* e *Pacotilha*, este último fundado pela vertente jornalista da família Azevedo.

Aos 19 anos, em 1876, Aluísio mudou-se para o Rio de Janeiro, onde acompanhou através da “*Gazeta de Notícias*” e do “*Jornal do Comércio*” o desdobramento do drama popularmente conhecido por “*Questão Capistrano*” (1876-1877).

Os relatos do homicídio foram divulgados a público em diversas etapas, de acordo com o desenrolar do julgamento, o assassinato e o velório de Capistrano. Imbuído do gênero policial, esse assunto ressurgiria sete anos mais tarde, visto como pano de fundo do folhetim *Casa de Pensão* (1883).